

## NOTA DO EDITOR

**Língua Franca**

---

*Language is the only instrument of science,  
and words are but the signs of ideas.*

Samuel Johnson, *Preface to his English Dictionary*.

‘Língua Franca’ refere uma língua amplamente utilizada como meio de comunicação entre falantes de outras línguas. Este é um número de viragem da revista que passa também a poder publicar textos críticos em inglês, a língua franca do conhecimento e da interação no mundo de hoje. Assim, autores de língua portuguesa podem fazer as suas ideias chegar a uma audiência mais vasta, da mesma forma que também autores de outras áreas e nacionalidades podem utilizar esta revista como veículo de comunicação internacional. Na verdade, *lingua franca*, significando, em italiano, língua livre ou falada por pessoas de muitas origens, era uma forma de pidgin conhecido nos portos do Próximo Oriente muçulmano, com base maioritariamente no italiano, mas juntando palavras de origem francesa, provençal, espanhola, turca e árabe. Este dialeto internacional do Mediterrâneo começou na época das Cruzadas e prosseguiu, em particular, como uma das influências do comércio veneziano e genovês no Levante. Mais tarde, entre o século XVI e o século XIX, outra variedade da língua franca mediterrânica ganhou forma no Magrebe, desta vez com importantes importações da língua portuguesa. Por isso, uma língua franca é, em qualquer caso, o oposto de uma língua standardizada ou do exclusivismo do poder, mas a

interseção de muitas linguagens, conjunções culturais e pontos de vista. E, neste sentido, constitui um antecedente da ideia atual de heteroglossia, dizendo que toda a linguagem incorpora vários níveis e modos de linguagem, inclusive visões em conflito.

No mundo global que temos hoje, combinando hipermodernidade tecnológica e expansão democrática com o primitivismo da violência e da destituição, a persistente oposição entre Ocidente e Islão ganhou novas e estranhas encarnações. O apelo fundamental de uma língua franca, agora, é fazer da disseminação da diferença o instrumento de uma visão franca da vida. É este encontro entre a franqueza do pensamento e um mundo inteligente franqueado pela liberdade que se pretende do pensamento crítico da ciência numa cultura democrática evoluída. E é este o espírito que, a cada novo momento, queremos reforçar nesta revista que fala português, fala inglês e é poliglota quando se discutem ideias que atravessam novas pontes para o mundo.

Os autores e artigos incluídos neste número expressam essa diversidade de caminhos. O ensaio de Esmeralda Macedo e Carlos Amaral Dias é o primeiro artigo publicado em inglês. Além de tudo, é inédito também, porque apresenta excertos de escritos e pronunciamentos de Melanie Klein nunca publicados anteriormente, conservados no Wellcome Institute for the History of Medicine de Londres. Esmeralda Macedo e Carlos Amaral Dias exploram, em particular, documentos acerca da relação entre o psicanalista e o paciente, revisitando, com uma nova luz, os laços que ligam o pensamento de Bion ao pensamento kleiniano. Seguidamente, Laura Ferreira Santos faz uma importante leitura da provocativa questão da recusa de tratamento, enfatizando o facto de que novas conceções no campo da saúde e do direito de decisão do doente são, na realidade, largamente influenciadas por novas dimensões filosóficas e novos contextos de educação. Ana Vasconcelos explora o conceito de conciliência, ou a conciliação entre diferentes formas de conhecimento, para definir o papel do pedopsiquiatra no tribunal de família e menores, situado numa interseção entre pedopsiquiatria e justiça, promovendo a segurança psicológica da criança ou menor na preservação sustentada das relações de afeto, parentalidade e família.

De seguida, Vasco Almeida analisa o aumento da complexidade económica e relevância social das organizações do terceiro setor, num contexto transformativo de produção, serviços, emprego e das dinâmicas institucionais entre comunidade, estado e mercado. Finalmente, o artigo de Inês Amaral e Helena Sousa aborda a expansão das redes sociais e do serviço de microblogging, com ênfase no Twitter, interrogando criticamente o impacto recíproco entre a sociabilidade em rede, personalização da informação, cidadania e as novas linguagens culturais do espaço público.